Originalmente publicado na Revista COOPEX/FIP (ISSN:2177-5052). 13ª Edição - Vol. 13 - Ano: 2022.
No seguinte endereço: http://coopex.fiponline.edu.br/artigos

SUICÍDIO: O ÚLTIMO ADEUS DO SOFRIMENTO

José Eduardo da Silva Campos [1]
Osorio Queiroga de Assis Neto [2]

Resumo: O suicídio está entre as três principais causas de morte no mundo, e com essa reflexão pretende-se através desta pesquisa, levar a comunidade científica algumas ponderações a cerca desta problemática. O presente artigo tem como objetivo investigar na literatura as causas e fatores que levam o sujeito a cometerem o suicídio e suas formas de sofrimento, bem como este tema se configura como problemática na atualidade. Além disso, buscou-se a analisar o sofrimento das famílias que sofrem com a perda pelo suicídio. Usou-se como metodologia uma pesquisa do tipo, revisão de literatura narrativa. O seu campo de estudo foi realizado através de artigos científicos publicados em sites confiáveis, tais como: o google acadêmico, scielo, LILACS, MEDLINE, Pubmed e wobof Science, livros e artigos no período de 2014 a 2018; Entre os principais resultados alcançados com este estudo está no fato de que atualmente o suicídio ocupa entre a segunda e terceira causa de morte mundial entre adolescentes, constituindo-se num grave problema de saúde pública. Sendo considerado o fato de que além do suicídio em si, há outro problema a ele ligado: o elevado número de pessoas que tentam o suicídio. Conclui-se que o suicídio é considerado como um fenômeno complexo e multidimensional, diante das suas condições biológicas, sociológicas, psicológicas, interpessoais, culturais e existenciais.

Palavras-chave: Suicídio, Família, Empatia.

Abstract: Suicide is among the three main causes of death in the world, and with this reflection it is intended, through this research, to bring the scientific community some considerations about this problem. This article aims to investigate in the literature the causes and factors that lead the subject to commit suicide and their forms of suffering, as well as how this topic is configured as a problem today. In addition, we sought to analyze the suffering of families who suffer from the loss of suicide. A research of the type, narrative literature review, was used as methodology. Its field of study was carried out through scientific articles published on reliable websites, such as: google academic, scielo, LILACS, MEDLINE, Pubmed and wobof Science, books and articles from 2014 to 2018; Among the main results achieved with this study is the fact that suicide currently ranks among the second and third leading causes of death among adolescents worldwide, constituting a serious public health problem. Considering the fact that in addition to suicide itself, there is another problem linked to it: the high number of people who attempt suicide. It is concluded that suicide is considered a complex and multidimensional phenomenon, given its biological, sociological, psychological, interpersonal, cultural and existential conditions.

Keywords: Suicide, Family, Empathy.

[1]Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, eduardoscampos01@gmail.com;
[2] Professor orientador: Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Professor no Centro Universitário de Patos – UNIFIP, osorioqueiroga@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O suicídio se configura entre as três principais causas de morte no mundo entre as pessoas que têm de 15 a 44 anos de idade. Segundo os registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), ele é responsável anualmente por um milhão de óbitos (o que corresponde a 1,4% do total de mortos). Essas cifras não incluem as tentativas de suicídio que são de 10 a 20 vezes mais frequentes que o suicídio em si. BOTEGA (2014), apud WHO – World Health Organization (2014).

O pensamento sobre suicídio pode fazer parte da natureza humana, ou seja, o impulso suicida é uma reação natural, mas torna-se mais comum em pessoas emocionalmente exaustas e fragilizadas, Jaime Canfield (2015). Percebe-se que em situações que despertam essa possibilidade de resolução dos problemas pessoais, especialmente diante da necessidade de aliviar pressões externas/internas como cobranças sociais, culpa, remorso, depressão; ansiedade, medo, fracasso; humilhação, alcoolismo; consumo de drogas por exemplo, há nesses casos um pensamento frequente maior em relação ao suicídio.

Segundo Werlang (2014), a Organização Mundial de Saúde (OMS) registra suicídios a partir dos cinco anos de idade e isso é altamente impactante, já que pensar que uma criança de cinco anos de idade, que está em processo de desenvolvimento cognitivo e emocional possa buscar intencionalmente uma alternativa como está para dar fim ao sofrimento, tirando sua própria vida.

A família que perde um membro por suicídio passa por um momento confuso e drástico, não aceitar, torna-se uma tarefa mais difícil pela forma de uma morte a qual não se compreende os motivos e parecem estar mais distante de qualquer explicação. Kovács (2016), relata que “o suicídio é antes de tudo um homicídio de si mesmo, em que a mesma pessoa é o assassino e o assassinado”.

Freitas (2014), salienta que o suicídio desencadeia o luto mais difícil de ser enfrentado, pois observamos que na maioria delas não se tem uma explicação convincente para o sujeito chegar a determinada situação e por esse motivo causa revolta social, por não aprovar essa forma de se ajustar individualmente como sujeito em sofrimento, onde o mesmo busca uma saída para tal sofrimento que por sua vez tem resultados como a sua morte.

É de extrema importância falar sobre os comportamentos suicidas, pois isso engloba uma situação de pessoas que ameaçam tirar sua vida. Diferente de uma situação pela qual um indivíduo ter um ataque cardíaco ou derrame por exemplo, pois isso não é bem aceito, não houve uma preparação do enlutado, os ritos das despedidas do mesmo. Imaginamos então em uma situação de suicídio, onde é o desejo do outro em cometer. Trata-se de uma morte premeditada e planejada pelo autor do ato de se matar e com a falta ou aparente falta de aviso prévio, faz com que familiares e conhecidos sintam-se curiosos, confusos, culpados e outros diversos sentimentos, (FUKUMITSU, 2014).

Portanto, esses possíveis fatores justificam a escolha do presente trabalho partindo do presente trabalho, partindo do princípio de que ele trará contribuição para as discussões no processo de formação acadêmica em várias áreas.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar na literatura atual as causas e fatores que levam o sujeito a cometer o suicídio, bem como tem como objetivos específicos estudar o sofrimento humano diante do suicídio numa perspectiva histórica e também examinar o sofrimento dos familiares diante do suicídio.

METODOLOGIA

Este estudo tratou-se de uma revisão de literatura narrativa e para concluir foram utilizados artigos em sites de pesquisa como o google acadêmico, o scielo, LILACS, MEDLINE, Pudmed e wobofsciense, num período de 2014 a 2018, procurando aprofundar o conhecimento sobre o tema proposto que é sobre a temática do suicídio, com suas causas, fatores e os efeitos causados no indivíduo que comete suicídio. Também pretendeu analisar o sofrimento das famílias que sofrem com a perda pelo suicídio, e suas formas de sofrimento. Este estudo é especificado como revisão de literatura narrativa, e tem como objetivo compreender sobre o tema em questões, como também abordar e discutir sobre o mesmo.

De acordo com (Alves & Mazzotti, 2015), o método conhecido como revisão de literatura do tipo narrativa, representa a intenção de construir uma contextualização para o problema investigado, refletindo com isso sobre a literatura examinada e promovendo o diálogo entre os diversos autores consultados (Alves & Mazzotti, 2016).

Por tanto, diferentemente da revisão sistemática, a revisão de literatura narrativa ou tradicional possui uma temática mais ampla, sem determinar um protocolo rigoroso para sua elaboração. Dispensa, pois, os critérios seletivos em relação à busca das fontes (Elias et al., 2014).

REFERENCIAL TEÓRICO

A palavra suicídio foi criada em 1737 por Desfontaines. Com origem no latim – sui (si mesmo) e caederes (ação de matar) -, ela aponta para a necessidade de buscar a morte como um refúgio para o sofrimento que se torna insuportável. Foi definido por Durkheim, 2014 como, todo o caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato, positivo ou negativo, executado pela própria vítima, e que ela sabia que deveria produzir esse resultado.

O suicídio é um ato que acontece a muitos anos, deste modo, podemos entender em cada momento da história como o suicídio foi se reconfigurando. A enciclopédia Delta de História Geral em sua publicação no ano de 2015, registra que, em um ritual no ano de 2.500 a.C., um grupo de doze pessoas beberam uma bebida envenenada e se deitaram no chão para esperarem a sua morte, o que viria a ser um dos primeiros registros em suicídios coletivos da história da humanidade, (SILVA, 2016).

Na Antiga Grécia, as pessoas que pretendiam cometer suicídio não poderiam concretizar o ato sem um aviso prévio, ou consenso da comunidade, pois caso contrário era considerado um crime contra a mesma, e desta forma o indivíduo seria condenado politicamente ou juridicamente. Eram recusadas as honras de sepultura regular ao suicidado clandestino e a mão do cadáver era amputada e enterrada a parte. Por sua vez, o Estado tinha poder para vetar ou autorizar um suicídio bem como induzi-lo, (SILVA, 2016).

Na Grécia, uma das formas utilizadas para punir o cidadão, era sentenciá-lo a prática do suicídio, para todos àqueles que praticavam crimes contra o estado grego. A história registra como o caso mais famoso do filosofo Sócrates, em 399 a.C., sendo o mesmo condenado a beber cicutaextraidoda planta (Conium), depois de ser acusado de corromper a juventude e por impiedade aos deuses. (SILVA, 2016).

Na cidade de Roma, o senhor exercia sobre si um direito próprio de sua condição social, sendo amparado no espaço político pela lei pública, ou seja, ele tem uma livre escolha para esse ato, não sendo julgado pelos poderes. O escravo, porém, matando-se, ia contra a autoridade do senhorio, contestando seu poder e diminuindo seu capital, o que era contra a lei familiar predominante no espaço doméstico. Era condenado quando se tratava de um escravo porque o valor do ato era inseparável da condição social do indivíduo. (SILVA, 2016).

Na idade média Cristã, a autoquiria é condenada teologicamente. Acredita-se que só Deus pode tirar a vida de alguém e por isso é considerado como um "trabalho do demônio";

A vida do indivíduo deixa de ser um patrimônio da comunidade para ser um dom divino, e matar-se equivale a um sacrilégio. Os suicidas são igualados aos ladrões e assassinos, e o Estado e a Igreja fazem tudo para combater os suicídios. Somente após a revolução Francesa que o suicídio passou a ser visto como um mal da sociedade e passou a ser entendido como uma pratica separatista e pessoal de cada indivíduo, onde cada um teria seus próprios motivos para cometer o ato. (SILVIA, 2016).

Segundo os dados estatísticos do Centro de Valorização da vida (2015), estes revelam que a cada quarenta segundos alguém se suicida em algum lugar no mundo. No Brasil, as taxas de suicídio estão abaixo da média mundial (entre 13/14 mortes por 100 mil pessoas enquanto a média brasileira é de 6/7 mortes por 100 mil habitantes), mas, mesmo assim, o suicídio tira a vida de uma pessoa por hora enquanto outras três tentam se matar, sem sucesso, nesse mesmo período de tempo.

Importante considerar que, para cada suicídio, 10 pessoas são impactadas, seis sofrem sérias consequências, sendo difíceis de serem reparadas. (CVV, 2015). Por esse motivo, o suicídio é considerado um problema de saúde pública pela OMS. Calcula-se que até 2020, mais de 1,5 milhões de pessoas vão cometer suicídio ainda em todo mundo. A taxa mundial de suicídio em 2009 foi de 17,3/100.000 habitantes. Entretanto, a sua distribuição não é uniforme entre os países, apresentando maiores valores no leste europeu e os mais baixos na América Latina, países muçulmanos e asiáticos.

Atualmente a lei brasileira, através do artigo 122 do Código Penal Brasileiro, prevê punição para pessoas que auxiliam o suicídio, seja com informações, incentivo ou auxílio para que o faça, punindo com reclusão de dois a seis anos se o ato for consumado (SPIES; COSTA; apud GOLDIM et al., 2014; TRINDADE, 2014).

Estudos realizados por Durkheim (2014), chama à atenção sobre o ato suicida como significância social do suicídio pessoal - o suicídio é uma denúncia individual de uma crise coletiva, isto é, deixa-se de entender o suicídio apenas como um fenômeno isolado e individual e se observa como um fato social e cultural, resume seu estudo da seguinte forma: "os suicídios são fenômenos individuais, cujas causas são, contudo, essencialmente sociais".

O Brasil, de acordo com (BOTEGA, 2014), apresenta um índice de cerca de cinco suicídios por cada 100 mil habitantes. Quando a análise por sexo, homens se suicidam mais por usar métodos mais letais do que as mulheres, e a faixa etária mais acometida são entre 15 e 34 anos. Além disso, no que tange ao estado civil, há maior prevalência entre divorciados, solteiros e viúvos.

O que se pode afirmar, é que há grande complexidade para compreender o comportamento suicida. Sabe-se que há fatores emocionais, psiquiátricos, religiosos e socioculturais (WERLANG, 2014).

Segundo Vicent Van Gogh, "*O suicídio faz com que amigos e familiares se sintam seus assassinos".*

O suicídio é uma questão tão ampla e complexa que, quanto mais se estuda, mais distante se está de uma conclusão. Segundo (BOTEGA, 2014, p.113), "Tentativas de suicídio devem ser encaradas com seriedade, como um sinal de alerta, revelando a atuação de fenômenos psicossociais complexos". Dessa maneira, pode-se apontar que o suicídio apresenta caráter multifatorial, indo além de uma única justificativa, exigindo daquele que o estuda a compreensão de todas as variáveis de maneira aprofundada

O tema "Suicídio" tem grande importância no contexto social. Pois causa um grande impacto tanto em termos numéricos, quanto em relação aos familiares, amigos e conhecidos das pessoas que ameaçam cometeu a autoquiria. (OSMARIN, 2015; apud WERLANG, 2014).

Fukumitsu (2014), apud Parkes (2015), "A dor do luto é tanto parte da vida quanto a alegria de viver; é, talvez, o preço que pagamos pelo amor". Ao analisarmos essa fala, refletimos sobre o investimento e a não aceitação da perda de alguém querida. É o fato de se doar e não ter uma explicação como solução para o que fica.

Como a morte não pode ser vivida concretamente, a única morte experienciada é a perda, quer concreta, quer simbólica. Ver a perda como fatalidade, ocultar os sentimentos, eliminar a dor, apontar o crescimento possível diante dela, podem ser formas de negar os sentimentos que a morte provoca, para não sofrer. (KOVÁCS, 2015).

Sobre o luto, tem-se a seguinte citação:

> O luto pode ser definido como uma crise. Ele acarreta entre um desequilíbrio entre a qualidade de ajustamento necessário de uma única vez e os recursos imediatos disponíveis para lidar com ele. A crise é consequência de uma necessidade das pessoas continuarem desempenhando os papeis diários, com a sobrecarga do luto dos familiares, além das relações próprias do luto individual. A crise dificulta a mudança e a reorganização acontece depois de superar essa crise (OSMARIM, 2015 apud, BROMBERG et al.p.4, 2015).

É compreendido que essa rede de pessoas próximas ao suicida seja afetada brutalmente, pois se percebe que o sujeito que fica perde não só aquele que se vai mas também o vazio que fica. Segundo Fukumitsu (2014); apud Cândido (2014, p. 131), “enlutados por suicídio relatam que se sentem abandonados e isolados, muitos dizem vivenciarem intensos sentimentos como solidão e a vergonha”. Podemos refletir desta maneira que a morte por suicídio se torna diferente quando se mostra em outros aspectos como doença, desta forma os familiares têm o assegurado a privacidade no momento em que a pessoa morre. Porém, quando se trata de um suicídio onde o sujeito se joga de um prédio, por exemplo? Aquele corpo se torna tão público, sofrendo tal exposição de quem passa e assim se tornando espectadores dessa tragédia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O luto em si é um processo pelo qual o ser humano por vezes tem que lidar a fins de entrar em contato com a perda que se teve da pessoa significante para o mesmo, o luto por suicídio tem características e temas específicos que precisam ser trabalhados, como os sentimentos de culpa, vergonha e a busca incessante do porquê. O suicídio de uma pessoa amada dá um novo tom às vidas que ficaram: diante dos efeitos da tragédia, é preciso sobreviver. Não à toa, as pessoas deixadas para trás são chamadas de sobreviventes, e cada dia seguinte ao suicídio é uma verdadeira superação (VELOSO, 2016).

A autorquiria parece abarcar um sofrimento individual e coletivo, pois desvela uma obrigação para que a família olhe para sua disfuncionalidade, ou seja, que essa família esteja mais atenta as dicas que os suicidas deixam o tempo todo, (FUKUMITSU, 2014, apud PARKES, 2015).

Podemos relatar que a raiva que se tem do suicida é uma das formas que pode refletir no processo de luto, acrescenta Veloso (2016); apud Campos [s.d]. “Neste caso, o enlutado muitas vezes experimenta o suicídio da pessoa querida como um ato que lhe gerou danos. ‘Olha o que você fez para mim’ ou ‘Por que fez isso comigo?’, pode dizer o enlutado.”

A estratégia de enfrentamento adotado pelos familiares, é resultado de suas crenças, normalmente a busca por uma religião, que talvez, traga sentido, já que as crenças e práticas religiosas podem ser consideradas muito importantes no enfrentamento de situações relacionadas às doenças e a morte. A procura pela religião ocorre quando as pessoas ao enfrentar uma situação de estresse, usam as crenças e comportamentos religiosos para facilitar a resolução dos problemas e prevenir ou aliviar as emoções negativas. É importante ressaltar que além da religião, o trabalho e a contribuição terapêutica também são estratégias para a superação do suicídio. (MARTINS; LEÃO, 2015).

O cuidado com esses familiares de um acompanhamento terapêutico é de extrema importância quando o mesmo está passando pelo fato descrito pelo autor a cima, pois dificilmente essa família pode superar essa perda e com isso leva o mesmo a ter comportamentos adversos sobre a situação vivenciada. Os objetivos da posvenção são: trazer alívio dos efeitos relacionados com o sofrimento e a perda; prevenir complicações do luto que é de extrema importância, como um luto traumático principalmente com aqueles que viram a cena; minimizar o risco de comportamento suicida nos enlutados; e promover a resistência nos sobreviventes (VELOSO, 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar sobre o suicídio é uma tarefa difícil, pois temos que nos remeter à morte. Trabalhar essa temática é um assunto delicado, já que ela é ainda um tabu e desperta certos medos nas pessoas.

Ao analisarmos as questões históricas, captamos que ao longo do tempo o suicídio foi tomando várias configurações e desta forma foi se reconfigurando a forma que autocídio provoca na sociedade.

Podemos perceber que é um fenômeno complexo e multidimensional, com suas condições biológicas, sociológicas, psicológicas, interpessoais, culturais e existenciais. Estão ligadas a fatores externos como eventos traumáticos de perda, separação, luto, falência financeira que podem desencadear o suicídio, entretanto não se configura como um fator independente, mas sim como uma crise individual de difícil elaboração (Barbosa, et al., 2011).

Ao analisarmos o suicídio, a morte é vista como uma escolha perante as questões da sua vida. Diante desse processo pelo qual o sujeito passa. Os familiares e amigos de pessoas

que o cometeram podem se sentir culpados por não terem percebido que isso poderia acontecer, ou por vezes, essas mesmas pessoas ignoraram por diversas vezes os indicativos que a pessoa suicida deu, considerando apenas que podia se tratar de só “chamar a atenção”. Desta forma, podemos perceber que essas mesmas pessoas tendem a ter um processo de luto mais complicada, se culpando e tendo pensamentos do tipo que poderiam evitar tal fatalidade.

Hoje, entendemos que o suicídio, por se tratar de uma questão social, é uma demanda recorrente aos assistentes sociais, psicólogos, médicos e enfermeiros que na atenção básica de saúde, além daqueles que trabalham nos Hospitais de Urgência e Emergências e nos Centros de Atenção Psicossociais (CAPS).

Conclui-se ainda que o terapeuta não navega em um barco diferente. Está no mesmo barco que o seu paciente. E navegam juntos. Ele o acompanha nessa travessia incerta e cheia de vida; e com isso, é fundamental a nossa empatia com esse ser que está sofrendo, que nos traz seus medos e anseios pelo luto de um familiar ou amigo que morreu por suicídio.

Portanto, este estudo foi importante para identificar a necessidade de realizar novos estudos sobre esta temática, para aprimorar novas fontes de intervenções junto à população e aos serviços envolvidos e assim, analisarmos sobre assistência que a família precisa depois de se concretizar um ato como autocídio, a fins de termos uma rede de apoio a essas pessoas que perderam alguém, que por sua vez não é vista como uma necessidade pelos programas de saúde.

Finalizando, é ainda possível concluir que a psicologia tem muito o que contribuir para essa linha de pesquisa, trabalhando com pessoas que sofrem perdas significativas com o suicídio, bem como trabalhar com pessoas que desejam cometer o suicídio. É de extrema importância que este profissional, dentre outros estejam elaborando projetos e novas formas de intervenção, a fins de fazer com que seja acessado essas pessoas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, F. O; MACEDO, P. C. M; SILVEIRA, R. M. C. Suicídio e depressão. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 7, p. 233-243, 2014.

BOTEGA, N. J. Comportamento Suicida: Epidemiologia. **Revista Psicologia USP,** v. 25, n. 3, p. 231-236, 2014.

AQUINO, F. D. A **Terapia Cognitivo-Comportamental no tratamento de adolescentes com ideação suicida**, 2019. Trabalho de conclusão de curso (especialização) - Centro de Estudos em Terapia Cognitivo-Comportamental (CETCC).

CASSORLA, R. M. S. & SMEKE, E. L. M. Autodestruição Humana. **Cad. Saúde Pública**, v. 10, n. 1, p. 61-73, 1994.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. O Suicídio e os Desafios para a Psicologia / **Conselho Federal de Psicologia**. - Brasília: CFP, 2013.

CALOMA, C; TAVARES, M. S. A; SILVA, L. C. Suicídio e os desafios para a psicologia. **In: suicídio: o luto dos sobreviventes.** Brasília: 1ª edição, cap. 2, p.43-65, 2016.

BRASIL, Ministério da Saúde. Prevenção do Suicídio: Manual dirigido a profissionais das equipes de saúde mental. **Centro de Valorização da Vida**, 2015.

DURKHEIM, E. Do suicídio como fenômeno social em geral. **Livro III**, cap. I, II e III, pág. 293-361, 2014.

ELIAS, C. S. *et al.* Quando chega o fim? Uma revisão narrativa sobre terminalidade do período escolar para alunos deficientes mentais. **Rev. Eletrônica Saúde Mental, Álcool e Droga**, v.8, n. 1, p. 48-53, 2012.

FUKUMITSU, K. O. **O processo de luto do filho da pessoa que cometeu suicídio**. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2014.

FUKUMITSU, K. O. O psicoterapeuta diante do comportamento suicida. **Revista de Psicologia USP**, v. 25. n.3, p. 270-275, 2014.

FUKUMITSU, K. O. KOVÁCS, M. J. Especificidades sobre o processo de luto frente ao suicídio. **Revista de Psicologia USP**, v. 47, n. 1, p.3-12, 2016.

KOVÁCS, M. J. Bioética nas questões da vida e da morte. **Revista de Psicologia USP**, v. 14, n. 2, p. 115-167, 2016.

MARTINS, S. A. R; LEÃO, M. F. Análise dos fatores envolvidos no processo de luto das famílias nos casos de suicídio. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, v.2, p. 123-135, 2014.

OSMARIN, V. N. **Suicídio: o luto dos sobreviventes.** Dissertação (Formação em aconselhamento psicológico para o luto), Universidade de Caxias do Sul, 2015.

SPIES, P. C; COSTA, C. B. Suicídio: a percepção familiar sobre aquele que deu fim à própria vida. **Revista Psicologia em Foco**, v. 6, n.8, p. 78-95, 2014.

VELOSO, A. M. A dor de quem fica: os sobreviventes do suicídio. **Blog Huffpost**, 2016.

WERLANG, B. Suicídio e os desafios para a psicologia. **In: suicídio: uma questão de saúde pública e um desafio para a psicologia clínica**, 1º edição, cap. 1, p. 43-65, 2014.

WHO – World Health Organization – Suicidal Behavior: Epidemiology. 2014.